

INDÍGENAS

Relatório revela que índios estão dependentes de droga

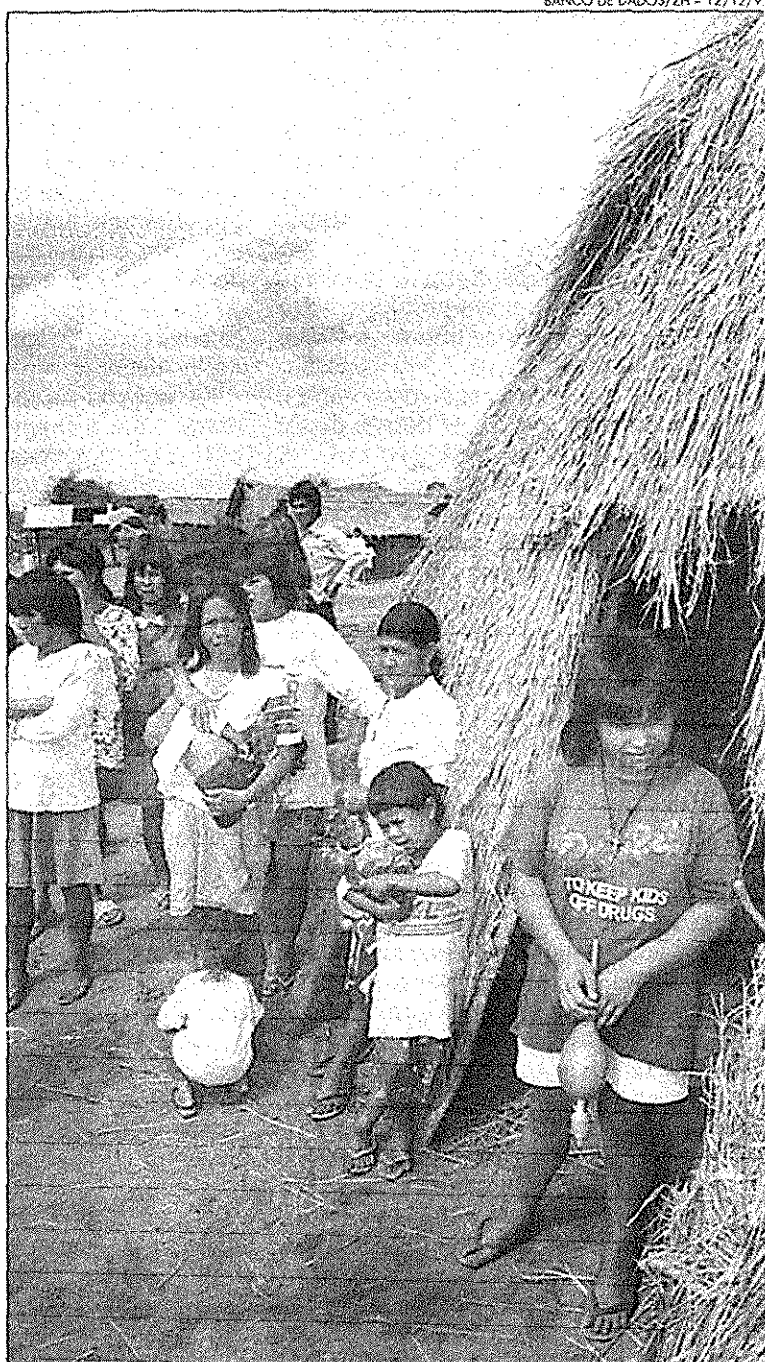
Uso da maconha entre os jovens das aldeias caiuás é comum

O processo de degradação, perda da identidade cultural e miséria que atinge os índios guaranis-caiuás – os índios suicidas de Mato Grosso do Sul – está levando os adolescentes ao consumo de drogas, em especial a maconha. Relatório do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) revela que jovens de 14 a 18 anos, das aldeias de Dourados e Amambai, estão se tornando cada vez mais dependentes da droga.

Segundo o indigenista Maucir Pauletti, que há sete anos convive com os caiuás, o uso da maconha tornou-se “uma epidemia” nas aldeias próximas à fronteira com o Paraguai – um dos principais países produtores da droga. “A situação é incontrolável pela fragilidade do índio e não vai demorar muito para que estes viciados sejam também usados pelos traficantes”, disse.

O relatório do Cimi denuncia que a tendência dos jovens caiuás para o consumo de drogas não é recente, tem pelo menos dois anos. “O adolescente encontrou na maconha uma saída para fugir de sua pré-disposição para o suicídio, que ocorre em momentos de depressão e falta de perspectiva de vida”, explica Pauletti.

A Fundação Nacional do Índio alega desconhecer estes fatos, mas o relatório do Cimi é enfático: se não houver uma intervenção do governo, através de incentivos à produção agrícola – que garantam a ocupação dos adolescentes –, a situação vai se agravar.



Depressão: jovens se refugiam na droga para afastar o suicídio.

Povos tentam recuperar auto-estima

Cansados de ouvir pelo rádio as notícias de novos suicídios nas aldeias de índios caiuás e nhandévas – subgrupos da etnia guarani – na região próxima a Dourados, em Mato Grosso do Sul, um grupo de povos indígenas está organizando um mutirão para tentar incentivar as tribos. Só no ano passado, 56 índios com idades entre 10 e 25 anos se mataram no Estado, a maioria por enforcamento.

Passando por cima de desavenças históricas, os terenas – povo que divide com os caiuás a reserva de Dourados, de apenas 6,5 mil hectares – irão oferecer parte de seus estoques de arroz, feijão e mandioca. Assim farão também os kuikuros enquanto os kadwéus irão levar carne. Os txucarramães, que moram na divisa do Pará com Mato Grosso, já prometeram doar 100 quilos de farinha. Os carajás, que vivem às margens do Rio Araguaia, irão salgar seus peixes e enviá-los para a aldeia. Mas a ajuda mais esperada virá dos kamaiurás, povo que tem uma origem genealógica

semelhante à dos caiuás.

Os kamaiurás, que moram no Xingu, serão responsáveis pelo resgate cultural e a recuperação da auto-estima dos “primos”. Eles falam a mesma língua dos caiuás e irão até a aldeia com 20 guerreiros. Durante dois ou três dias, promoverão festas e lutas, além de conversar com os jovens. Entre as festas está programado um campeonato de futebol. “Não queremos mais diagnósticos, queremos soluções para os caiuás”, afirma Marcos Terena, um dos principais articuladores do encontro. Terena quer uma resposta permanente do este estímulo. Ele considera o primeiro passo fundamental – principalmente depois dos seguidos fracassos do homem branco – mas também sabe que a maioria dos índios brasileiros é pobre e essa ajuda não poderá ser garantida sempre.

O presidente da Fundação Nacional do Índio, Márcio Santilli, pretende realizar uma campanha nacional para buscar a solução definitiva para o problema.